

AGAMENON

Voltei do supermercado e dei uma surra no meu filho

de RODRIGO GARCÍA

tradução: Chico Lima e Carlos Canhameiro

Voltei do supermercado e dei uma surra no meu filho

Voltei e me dei conta de que tinha comprado duas ou três

vezes

as mesmas coisas

E que, para completar, eu tinha comprado um montão de coisas que odeio

Eu disse: vamos no supermercado todos juntos, passar a caralha da tarde

já que vocês adoram passar a caralha da tarde

no supermercado

Mas no final pensei bem e disse:

Melhor vocês fiquem em casa e eu vou sozinho

e aí vocês vão ver quantas surpresas!

Vou surpreender a família

e vou fazer a compra do mês inteiro

eu sozinho

Chego ao supermercado e me joga

Pego três carrinhos

Saio vazado

E a moça do caixa me fala:

Você não pode pegar três carrinhos;

são muitos carrinhos

E eu falo pra ela:

retardada de merda

Você não sabe o que é ter uma

família numerosa;

eu também não
porque eu não tenho uma família numerosa
mas eu vou fazer a compra do mês

E a moça me diz:
faça o que quiser, idiota!

Prendo um carrinho no outro carrinho
e depois um terceiro carrinho
Prendo os três carrinhos
como se fosse um trenzinho
desses que os turistas usam pra ver os pontos turísticos
e não sei se empurro ou puxo os carrinhos
Puxo, cacete

Ou seja, vou pelo supermercado puxando o primeiro
carrinho
e enfiando de tudo em todos os carrinhos

Pensei em dividir os carrinhos:
Comida, limpeza e sei lá
No final eu caguei
e comecei a meter o louco
misturando tudo
Daí quando eu chegar em casa com a compra a surpresa será maior
Abrem as sacolas, encontram tudo bagunçado
e piram!
E cada vez que eu meto alguma coisa nova, penso:
Você tá fazendo isso de filha da puta
Isso que você comprou foi filhadaputagem

Tenho os três carrinhos lotados

Não falta nada
Chego no caixa

E começo encher de produtos a esteira rolante
E vejo como se amontoam os produtos
E a moça do caixa passa o scanner vermelho por cima deles
Como se estivesse dando liberdade a um preso
E eu vejo o que eu comprei
E fico perplexo:

Comprei pão integral sendo que eu
odeio pão integral
E comprei seis caixas de leite integral
sendo que em casa só tomamos leite desnatado
E comprei iogurte adoçado
pensando que era iogurte natural
E comprei papel higiênico perfumado sendo que eu não
 consigo
limpar o cu com um troço que cheira à perfume
E comprei vários quilos de costela de carneiro
sendo que a gente não tem churrasqueira
nem lugar pra fazê-las fora de casa
e minha mulher não suporta que a cozinha fique com cheiro de fumaça
E comprei molho tártaro achando que era maionese
E comprei quinze latas de gaspacho achando
que era molho de tomate
E comprei cem garrafas de água mineral
sendo que a água da torneira de casa é completamente potável
e pode ser bebida sem problemas
E comprei massa de tudo quanto é tipo:
Espaguete sendo que meu filho odeia espaguete
Massa com ovos sendo que minha mulher é alérgica a ovo
E massa verde sendo que em casa detestamos
 espinafre
E comprei um Bom Ar com cheiro de pinho
que me traz umas lembranças infames
da casa dos meus pais
E comprei um outro Bom Ar com cheiro de limão

tão asqueroso que quase faz ficar tolerável
o que fede a pinho
apesar das lembranças ruins
E comprei lencinhos pro rosto sendo que eu não suporto
essa merda úmida na pele

E me esqueci de comprar o que a gente realmente precisava
caralho

Esqueci de comprar as quatro bobagens que
a gente precisava, caralho
E me odiei até os ossos

E digo para a moça do caixa: toma retardada de bosta,
pega o cartão e enfia no seu cu
E ela me responde:
Se você me der a senha,
te faço até uma chupeta

Que senso de humor barato, lhe digo
E aperto o botão
E encho o carro
E chego em casa

Abro a porta e falo pra minha mulher:
Amor, acho que essa tarde vai ter porrada pra todo mundo;
acho que hoje vai rolar uma rifa de porradas
e você e o seu filho tem todos os números
E minha mulher me olha e ri porque acha que estou de
zoeira
E é aí que eu mando a primeira porrada na minha mulher
Por ficar de bobeira
E ela cai em cima da mesa da cozinha e ri
Ainda tem bom humor a bisca!
Comprou algodão?, me diz
Me dá um, caralho

E fico puto
Porque esqueci de comprar algodão
e álcool e água oxigenada
E um montão de coisas que tinha que comprar
E trago pra casa o carro lotado
de merda que não vai servir pra porra nenhuma, caralho
E isso me emputece tanto que eu digo pra minha mulher
Olha, vou te dar só mais uma porrada
e depois vou brincar com o moleque
Dou um soco nela e a bisca sai colocando algodão
E vou atrás do moleque para lhe dar o que chamam de
um pacote de bolachas

E comprei pilhas pro Game Boy do moleque
que não eram do tamanho certo, cacete
E quando o moleque me diz:
as pilhas que você comprou
pro Game Boy são pilhas que servem
pro rádio e pro despertador
mas não servem pro Game Boy
eu de cara já dou a primeira bolacha
Com o seu pai você não fala desse jeito
E dou a segunda bolacha
A segunda bolacha e
a terceira bolacha
A terceira bolacha e a quarta bolacha
E aí vou dando bolachas até que já estejamos em condições
de chamar todas essas bolachas juntas de
“um pacote de bolachas”
E sigo dando bolachas até que se possa chamar de
um “PUTA pacote de bolachas”
E sigo dando bolachas até que
aquele “PUTA pacote de bolachas”
se converte numa autêntica surra
E quando vejo que estou perdendo a mão

- bonita frase: “Estou perdendo a mão” -

paro

Porque é preciso evitar ir pro hospital

Há que evitar ir pro hospital e explicar a desconhecidos

- como dizem: desabafar -

sobre os assuntos familiares

que são os mais importantes da sua vida e os que

você mais ama neste mundo

Porque é lamentável e degradante andar de hospital em

hospital

desabafando sobre a sua vida privada

seja porque você a tenha passado fodendo

ou porque você a tenha passado batendo

Odeio a ficha, todo tipo de ficha e

de formulário

E cada vez que tenho que colocar

dados em um papel, tremo, choro e babo

e molho e enrugo o papel em vez de preenchê-lo

e me arrancam da delegacia, do aeroporto

ou do departamento de trânsito aos pontapés

e me livro de preencher qualquer coisa

com os meus dados

E para evitar o hospital e evitar as fichas

e essas coisas

paro um pouco de dar porrada no moleque

E vou ao banheiro buscar a minha mulher e agarro os dois pelos cabelos

e lhes digo:

Nós vamos jantar fora, caralho!

Num restaurante

E eles ficam mais felizes do que um retardado com um lápis

E penso no que eu comprei no supermercado e volto a ficar louco

Comprei um moletom amarelo brilhante para o meu filho

seis números maior
E não estou disposto a voltar ao supermercado
pra trocar o moletom amarelo brilhante
Nem penso em jogar fora o moletom
Nem penso em dar de presente o moletom
Vou esperar que o guri cresça e que caiba
no moletom amarelo brilhante
E pra crescer tem que se alimentar
E vai se alimentar, porra
Vai se alimentar pra crescer
Pra poder estrear o moletom amarelo brilhante

Antes de ir ao restaurante, lhes digo, vamos beliscar algo
aqui em casa
Que o moleque tem que se alimentar
Vem, vamos todos descer na garagem
E tiro do carro toda a merda da compra
- as quatrocentas sacolas de plástico -

E meu filho coloca o moletom amarelo brilhante e fica
uma merda
- parece a Magali com esse moletom, é enorme
parece o palhaço Ronald McDonald com esse moletom -
E lhe digo:
Caminha com esse moletom,
corre, faz algum esporte, caralho, faz alguma coisa com esse moletom
E ele cai e tropeça
a pobre criança
E me fode porque ele continua sangrando da surra que acabou de levar
E tá manchando o moletom e é de foder
E minha mulher ri
Não ria do menino
Lhe digo
É uma filha da puta!
Dá uma mão

Colabora

Vamos amarrar o moleque nessa cadeira aqui na garagem

Que o moleque tem que crescer

Para poder usar o moletom amarelo brilhante

Não vê que ficou enorme nele?

Amarro o moleque na cadeira que está na garagem

e seguindo o procedimento clássico da vida

dos gansos

começo a meter na boca aberta do moleque

tudo que comprei por engano no supermercado

Para que ele cresça

Porque nessa casa não se joga nada fora

Nem a comida

Nem o moletom

e seguindo o procedimento clássico da vida

dos gansos para fazer foie-gras

Vou empurrando com uma vara toda a compra do supermercado

pela bocona aberta do moleque

O pão integral

O leite integral

O espaguete

Uma caixa de Sucrilhos com chocolate

Meia dúzia de ovos

Um pote de molho tártaro

Já tá mais cheiinho o moleque

O moletom fica bom pra caralho

Tá feliz o desgraçado

Esta noite vai estrear o moletom!

E eu assisto o espetáculo

Como ficou a garagem!

Toda suja de iogurte, de catchup e salsichas

e geleia de figo, e me digo:
Um pai não pode tratar assim a um filho
Que culpa ele tem?

E pergunto ao meu filho:
Mas por que você teria culpa de alguma coisa?
E o desgraçado me olha e diz:
Eu não fiz nada então não tenho a culpa de nada
Ao que eu respondo:
Que cara de pau!
Como não tem culpa de nada?
Quando na verdade você é o culpado de tudo
Porque se vai ao supermercado
quando existem bocas pra alimentar, caralho
E você é uma boca a mais pra alimentar, caralho
E é uma responsabilidade pra mim, caralho
E o moleque me olha sem jeito
E eu lhe dou um soco no peito e digo
assim bem carinhoso:
É uma piada, porra
Vem, limpa o moletom que nós vamos por aí
E minha mulher pergunta se realmente nós vamos por aí e eu
digo:
claro que nós vamos por aí

E saímos os três de casa
Porque vamos jantar fora, cacete

E entram no carro e tiro eles aos pontapés, caralho
Porque tão manchando todo o estofado, cacete
Estão cheios de sangue e restos de comida, porra
Coloca umas toalhas
Coloca alguma coisa nos bancos pra não manchar o estofado!

E comprei vários quilos de bananas sendo que odiamos

bananas

E comprei nectarinas crente que eram

pêssegos

E comprei sacos de lixo de tamanho dez vezes

maior

do que a lixeira que temos em casa,

esses sacos de lixo chamados “reforçados”

E comprei Sucrilhos com chocolate sem perceber que
tinham chocolate

Andem logo, que vamos comer fora

Num McDonalds de beira de estrada

Num McDonalds de beira de estrada

Num McDonalds de beira de estrada

E vamos que vamos pela estrada

Com a família feliz e sangrando

E no rádio, Bach

Rádio Clássica, Rádio Nacional

No rádio, Bach

Com a família feliz e sangrando

para um McDonalds de beira de estrada

E de repente ouvimos os grilos

E alguém diz

Tão ouvindo os grilos?

E não sei se eu digo que ouço os grilos

ou alguém diz que ouve os grilos

O que importa é que

paramos o carro, paramos a música, desligamos o motor
no meio da estrada

E ouvimos os grilos, caralho

E ouvimos como todo mundo no carro respira mal

E é uma melodia muito bonita

Porque estamos todos cheios de porrada
E desligamos o motor e descemos do carro
Por causa dos grilos
E saímos da estrada os três andando
Atrás do som dos grilos
Íamos a um McDonalds de beira de estrada
e estamos no meio de uma porra de um vinhedo, caralho
ÍAMOS A UM MCDONALDS E ACABAMOS POR AÍ!
E ouvimos os grilos e seguimos entre as videiras
E as videiras são prateadas e a lua é prateada e
tem tantas, tantas estrelas que eu digo
Tá vendo o céu, retardado?
A última vez que vi tantas estrelas assim foi nas antípodas!
Na casa dos meus pais, nas antípodas!
A dezesseis horas de avião!
Lá sim tinham estrelas
Aqui não tem estrelas
Mas hoje sim dá pra ver estrelas!

E os grilos não tem a menor dúvida e seguem com
tudo

E as estrelas não tem a menor dúvida
E os narizes gotejam sangue
E vamos nos dar bem, caralho
Vamos nos dar bem!

Vamos nos sentar entre as videiras e arrancar cachos
E vamos nos lambuzar inteiros, caralho
Bora comer uvas
Bora arrancar cachos
Bora nos lambuzarmos inteiros
Bora grilos
Bora contar estrelas
Noite linda, caralho
Devorando uvas doces, conversando, nos vendo sangrar

Eu já sabia que ia ser muito positivo sair de casa e nos perder POR AÍ

Vamos sair e nos perder POR AÍ, dizem

E é mentira:

Sempre se sai do mesmo lugar com destino aos mesmos lugares

E dizem que vão se perder POR AÍ

quando na verdade

vão ao cinema

E acreditam que vão se perder POR AÍ

quando na verdade

estão num restaurante

esperando que chegue o segundo prato

E chamam isso de se perder POR AÍ

E saem de férias cheios de mapas e folhetos

Mas tem certeza que estavam perdidos POR AÍ

É que poucos lugares merecem esse nome!

Merecem ser chamados de POR AÍ

Mas as pessoas insistem e dizem

Vem, vamos POR AÍ

E acabam numa boate

Num museu

Ou num bar de esquina

Não me fode!

Não se pode chamar POR AÍ

um lugar que não tem o menor mistério

e que se sabe perfeitamente

como é

Em que rua fica

O que rola lá dentro

E que tipo de boqueteiros o frequenta

Isso não é POR AÍ isso é

mais do mesmo
o de costume

E não me importa o que tem de bom
na palavra costume
o que tem de reconfortante
na palavra costume
Estou pouco me fodendo pro costume
E até na rotina encontro caminhos
dignos de serem chamados de POR AÍ

E o cara se deixa levar
a lugares “de costume”
A lugares sem grilos, sem lua, sem uvas, sem estrelas, sem
nada!
E acaba a vida do mesmo jeito que começou
Nos lugares de sempre
Entre as pessoas de sempre
Pra terminar na mesma bosta de sempre

E comprei Ariel pra lavar roupa à mão em vez de comprar
Ariel pra máquina de lavar roupas
E comprei atum ralado
quando queria comprar atum em pedaços
E comprei um cabo de vassoura que não coincide
com a vassoura que tem em casa
Porque cada empresa fabrica o que lhe dá na telha

E quando amanhã você for ao colégio e olharem a sua cara
- porque voltei do supermercado
e agradeça por eu não ter te dado uma verdadeira surra -
você dirá que estive POR AÍ

E quando te perguntarem por onde
você diz: venho de Tróia!

De dar porrada e de distribuir porrada!
De conhecer gente
De conhecer dois tipos de gente:
os que especulam com o DINHEIRO
e os que especulam com os sentimentos
Que são os piores
Porque dizem que te oferecem o coração quando na
verdade
estão jogando uma porra de uma partida de xadrez

Entende o que estou te dizendo?
Que vamos continuar a farra
Que não vamos pra casa
Nem ao colégio
E entramos outra vez no carro
E vamos andar POR AÍ
E paramos em qualquer lugar
e mandamos postais para todos os amigos
Pra encher o saco
Postais
De Gibellina
De Palermo
De Siracusa
De Tróia, caralho
Da Zona Zero, porra
Do Iraque
De Guantánamo, cacete
Postais
Para deixar a galera perdida

E vamos mandar postais com fotos
De famosos mas com os nomes trocados
Um postal com a cara da Hillary Clinton
escrito: Clitemnestra
Um do Bill Clinton escrito: Agamenon

Um da Mônica Lewinsky escrito: Cassandra

Um do Dodi al Fayed escrito: Egisto

Um da Lady Di escrito: Cassandra

Um do príncipe Charles escrito: Agamenon chifrudo

E um dos filhos do Saddam Hussein escrito: Ifigênia

E um do Saddam escrito: Agamenon

E um do Tony Blair escrito: Egisto

E um do José María Aznar escrito: o mensageiro

E um do Berlusconi escrito: Agamenon

E um da Rede Globo escrito: o palácio dos Atridas

E um do povo do Iraque escrito: troianos

E outro de uns argentinos escrito: troianos

E um de uns africanos escrito: troianos

E um de uns mísseis Scuds escrito: AIDS

E outro de uns palestinos escrito: troianos

E um de uns cubanos escrito: troianos

E um do George Bush escrito: Agamenon

E um do Bin Laden escrito: Egisto

E um de uns russos escrito: troianos

Olha como está o quintal!

Falo pro meu filho

E nós, o que temos feito para melhorá-lo?

Nada

E você, o que vai fazer pra melhorá-lo?

Nada

Está assim o quintal

porque temos gastado a vida sem fazer nada

Porque temos gastado a vida fazendo o que nos

disseram

que era bom fazer

Saudável fazer

Razoável fazer

No final, temos feito o que nos mandaram

E frito o meu cérebro

E fico louco

E vou pra cama chorando

E quando tomo o café da manhã, caralho, fico chorando

E joga fora as torradas queimadas, porra

E sabe por quê?

Porque não inventei nada, caralho

Não inventei nada

Não participei da criação de nada do que me rodeia

Nem dos copos em que bebo água todo dia

Nem do avião que me trouxe até aqui

Não sei nada de cartografia

Não sei como funciona meu computador

Não construí com as minhas mãos a minha casa

Não plantei nem criei nada do que como todo dia

Encontrei tudo pronto

Não sei como se fabrica o papel dos livros que li

Não fiz vinho

Não inventei a televisão

Nem as vacinas

Não inventei as regras do futebol

Não trabalhei na fabricação da primeira cadeira

Não me passou pela cabeça antes de todo mundo de colocar nas casas

janelas

Não inventei o colchão

Não descobri o ovo frito

Não tive a ideia de inventar a esferográfica

Só manuseei informação

Quer dizer: a vida inteira com as mão vazias

Sujas

Levando e trazendo e usando as coisas dos
outros

Não participei do projeto de nenhuma rede de ferrovia

Não inventei a pizza

Não saberia fabricar um piano

Não sei como se faz o plástico

Não inventei o ventilador

Não sei como se faz o spray

Não poderia construir um sino para um campanário

Jamais teria me ocorrido pescar pela primeira vez

Nem fazer o primeiro sapato

Obviamente, não descobri o fogo

Nem soube fazer cachaça com a cana de açúcar

Não inventei o CD

Faço coisas como um animal simples:

criar filhos e ensiná-los a manusear

objetos que uns desconhecidos inventaram

Logo nos queixamos de que essas coisas não melhoram suas vidas

nem melhoram as nossas vidas

Que algumas delas são inúteis e até perigosas

Em vez de fechar a caralha da boca e fazer algo de verdade

Mandamos os postais

e vamos a um lugar que nos façam algo para jantar

A um Kentucky Fried Chicken de beira de estrada

E pergunto à família

Querem que eu pare no Kentucky Fried Chicken?

E me dizem: nem à pau

E eu digo: bom, então paramos no Kentucky Fried Chicken

Porque eu to a fim e foda-se

E enquanto comemos as asinhas de frango

Que não são nem asinhas nem frango nem nada

E bebemos Coca Cola com canudinho como três retardados

Com a cara de retardado que você fica quando

chupa uma bebida com canudinho
Penso no trágico
No conceito do trágico
E abro uma nova caixinha de papelão
cheia de asinhas de frango frito
Com molho barbecue e maionese
escorrendo por cima
E mostro para minha família e lhes digo:
Isso não é trágico?

E meu filho diz:
São asinhas de frango frito
Não, não são asinhas de frango frito, lhe digo, imbecil.

E pego as asinhas e traço sobre a mesa
um esquema perfeito e compreensível da TRAGÉDIA
com as asinhas de frango frito
E conto uma duas três sete asinhas de frango
E despejo na mesa
Tiro tudo que tem em cima da mesa, as Coca Colas,
Os restos de molhos, tudo
E deixo o espaço limpo só para as asinhas
Uma duas sete asinhas de frango
Coloco-as na mesa cada qual em seu lugar
Perfeitas
E pego o pote de catchup e escrevo na mesa bem
grande
a palavra:
TRAGÉDIA
E meu filho racha o cu de tanto rir
E explico a ele que a TRAGÉDIA
começa no mundo industrializado
Que a TRAGÉDIA sempre começou onde estava o
DINHEIRO
e a comida

E que depois a expulsaram
Mandaram ela embora
Sob a forma de bomba atômica
AIDS
fome
seca
ou ditadura

E lhe digo
Um homem que se joga no vazio
de uma torre em chamas em Manhattan
experimenta a mesma crueldade e injustiça
que um homem que morre de fome
em Tucumán ou Ruanda
vítima do liberalismo econômico
Mas a imprensa se empenha
em dizer que são coisas completamente distintas
E chamam de terrorismo ao que lhes convém
Ao que lhes serve para ganhar dinheiro

E divido a TRAGÉDIA em sete atos
E a cada ato coloco um nome
de um dos países mais ricos do mundo
Uma asinha de frango frito: Alemanha
Outra asinha de frango frito: Japão
- E digo à minha família: vamos escrevendo os nomes
com mostarda, catchup e molho barbecue ao lado de cada asinha -
Outra asinha de frango frito: França
Outra asinha de frango frito: Grã-Bretanha
Outra asinha de frango frito: Canadá
Outra asinha de frango frito: Itália
E no meio, um peito de frango inteiro: Estados Unidos

E vem a garçonete e me diz
Você já está bem grandinho pra brincar com a comida

Quer que eu chame o segurança?
Eu não estou brincando com a comida, lhe digo
Estou explicando ao meu filho o significado da TRAGÉDIA
E a garçonete me diz: não entendo
E o segurança que acaba de se aproximar da mesa
Com a mão no cacetete: eu também não

E meu filho diz:
Pois é muito fácil, imbecis
As asinhas de frango são as grandes potências
Representam o mundo industrializado
E se a TRAGÉDIA se estabelece a partir do mundo industrializado
a pergunta que nos fazemos é:
Onde há de se buscar a ESPERANÇA?

E eu fico perplexo com o quanto o meu filho
entendeu bem a história da TRAGÉDIA
e como, sem eu dizer nada,
acaba de apontar a ideia utópica de ESPERANÇA
E digo ao segurança
A ESPERANÇA tem que ser buscada em outra parte
E você vai nos ajudar

A ESPERANÇA pode estar em qualquer canto da
Terra
O problema é cruzar com ela
Vamos supor que a ESPERANÇA esteja naquela outra
mesa
Onde come aquela família
Deixe a mesa livre pra gente que precisamos dela para o exemplo

E o segurança vai lá e tira toda a família da mesa aos pontapés
Está encantado com a tal da TRAGÉDIA
Enquanto isso digo ao meu filho
Vai lá você e pega na lixeira

todos os desperdícios de todo o restaurante
Traga tudo o que ficou meio mordido,
os ossos, a pele do frango, traga o que encontrar
E digo ao segurança:
Olha, pensando bem, me parece
que vamos precisar do restaurante inteiro

Sem problemas, diz o segurança
E pega o revólver e solta seis tiros pro alto
e em cinco segundos
não fica nem deus no Kentucky Fried Chicken

Minha mulher vai pegar mais bebidas
Os garçons limpam as mesas pra gente
E eu lhes digo: vamos encher todas as mesas
com o lixo que meu filho trouxe
E assim explico o conceito de ESPERANÇA
E estão todos completamente envolvidos
Os garçons, a caixa, o segurança...
E meu filho entra no Kentucky com dois sacos industriais
rebetando de tanto lixo
E começamos a jogar
sobre as mesas vizinhas à nossa
quilos de ossos de pés de frango,
ossos de peito de frango,
ossos de asinhas de frango,
peles, pelancas, coxinhas de frango meio mordidas,
potezinhos com molhos para frango,
guardanapos sujos com pedaços de frango,
copos de Coca Cola,
canudos mordidos
Sorvetes meio derretidos...
E eu lhes digo: pessoal, aí está!
Venham e sentem-se em nossa mesa

E estão todos loucos de felicidade, até os
cozinheiros
saíram para se sentar com a gente E eu falo:
Olhem esta mesa:
...Asinhas de frango frito: Alemanha, Japão... etcétera
sete potências mundiais, sete asinhas
E olhem ao redor... o que há?

Lixo, dizem

Lixo?
Mas como lixo?
Não sejam filhos da puta!

E meu filho me olha e me diz
em voz baixa:
Nas outras mesas há ESPERANÇA, que é
exatamente
o que não há nesta mesa

E eu dou um murro no peito do molecão!
Muito bem, moleque!
Exatamente: nesta mesa está a riqueza e no resto a ESPERANÇA
Mas ninguém quer se aproximar da ESPERANÇA
Porque para resgatar a ESPERANÇA no meio de tanto lixo
você tem que sujar as mãos Sujar o corpo todo
Você tem que soltar o DINHEIRO

A ESPERANÇA funciona com DINHEIRO
como os motores funcionam com
gasolina e o meu corpo com o meu sangue
A ESPERANÇA não é um sonho; é um projeto
A ESPERANÇA começa por uma mudança de vontades
De atitudes, e se materializa em projetos

E o segurança me diz: não me faça rir, imbecil
E a cozinheira do Kentucky diz:
Sabemos perfeitamente quais são esses planos
Que projetos tem cada partido e que projetos tem cada empresa
E por isso podemos afirmar que não há ESPERANÇA
possível

E minha mulher se põe a chorar, a retardada
E a mulher do caixa do Kentucky se põe a rir
E a mulher da limpeza diz: vão todos tomar no cu
Olha como deixaram o restaurante

E eu estou tranquilo
porque o segurança já esvaziou o revólver
e não sobrou nem uma bala
- isso me relaxa -
E meu filho vira poeta e estúpido e diz:
Desinteressados em compartilhar a ESPERANÇA
trabalham a toque de caixa para piorar
a vida e fazem
propaganda: chamam de terrorismo a simples e natural
vingança

E eu digo: um momento, retardado
Chegou a hora de esclarecer as coisas
Sempre chega a hora de esclarecer as coisas
Se reúnem pessoas na televisão
E não se esclarece nada
E a garçonete do Kentucky diz:
Eu gostaria que na internet
tivesse só pornografia e nada mais que
pornografia
Porque a acumulação de informação não tem nada a ver
com o conhecimento
Aí está a informação, dizem

Aí está o conhecimento, dizem
E eu digo: informação e conhecimento estão nas antípodas
Chamam de informação um atropelo de dados banais

E eu lhes digo: acho que vocês estão
pesando o clima um pouquinho, imbecis

E o cozinheiro toma a palavra:
A diferença entre Itália e Angola
É que em Angola o governo decidiu
repartir a miséria por partes iguais
em toda a extensão do território
enquanto que na Itália o governo decidiu
que o Sul come merda
enquanto que o Norte desenha móveis e roupa
e abre garrafas de champanhe

E o imbecil do meu filho diz:
No sul está a ESPERANÇA
Mas que diabos isso importa
Se no norte não está a vontade

E eu digo: não me deixem triste, imbecis
Não me fodam a tarde!

Eu gosto do homem quando o homem é um animal
Eu gosto do animal do homem quando fode e transpira
Eu gosto do animal do homem inclusive quando engana
Eu gosto do animal do homem até quando mata em
defesa própria

E quando o homem se mete a fazer negócios,
o homem deixa de ser um animal
E eu não gosto

E odeio a ideia de EXPERIÊNCIA
Já que pra mim cada ato é único
Cada sol é novo
Cada dia sou outra pessoa
ACUMULAR EXPERIÊNCIAS NÃO PROTEGE

E a gorda da limpeza deixa a vassoura e se senta
Olha a mesa com as asinhas de frango
e a palavra TRAGÉDIA
Escrita com catchup e me diz:
Não são tempos para andar dizendo este tipo de coisa,
idiota
São tempos para fechar a boca ou pra ser um cara
moderado
E eu me enfureço e lhe digo:
gorda de merda você vai ver como te encho a cara de
porrada
Daí você me diz o que entende por moderação

E a sujeita me saí com essa:
A moderação é o vírus com o qual as empresas
infectaram os políticos
e que os políticos e os meios de comunicação
transmitiram ao povo

Vai lá bando de filósofos de merda desse
Kentucky Fried Chicken de beira de estrada, digo
Tem que se abrir, porra
Nós vamos por aí tomar no cu, digo à minha família
E enquanto pulamos fora da bagaça
a tia da limpeza grita:
Não sei onde começou essa epidemia do consenso e da moderação
Se numa multinacional ou no Ministério do Interior
Só sei que antes metiam no nosso cu e a gente gritava
Não era permitido gritar

mas metiam no nosso cu e a gente gritava
Agora tudo está previsto para que alguém grite
se lhe der vontade mas você mesmo se diz:
Ah! Não preciso levantar a voz, caralho
Não preciso me exaltar nem fazer confusão
Não estamos tão mal assim, e nem é pra tanto
E se você faz algo, tem que fazê-lo sem levantar a voz
Como um povo civilizado, caralho

E o cozinheiro vai falar e eu grito
A você ninguém deu vela nesse velório, babaca
E a cozinheira segue na dela:

Matando não se vai a lugar algum, dizem
E nos propõem que não nos matem os
E enquanto isso eles
não param de matar
Ensinam moderação, pedem moderação, exigem
moderação
Enquanto assassinam aqui e ali
E os partidos ficam de joelhos
E te chupam pra que você defenda uma falsa ideia de
Nação
E as empresas ficam de joelhos e te chupam
até que você confunda progresso pessoal com justiça global
e fique muito feliz
E chamam progresso pessoal um aumento de 2 por cento
dos salários
no fim do ano
E a cesta de Natal
E a festa de Natal
E o filme novo da Disney
e toda essa merda

E eu vejo os corpos como máquinas

E vejo o garoto de Gênova a ponto de jogar o extintor de
incêndio
contra o jipe da polícia como faria uma máquina
Vejo seus movimentos, a roupa, o capuz
como colados em uma máquina
E vejo a polícia como uma máquina apontando para a
cabeça dele
E vejo cair o corpo fulminado do garoto
como se derrubaria uma máquina
E vejo como o jipe passa duas vezes com as suas rodas
por cima do corpo do garoto
Uma máquina esmagada por outra máquina
E vejo essa humanidade sem humanidade
como uma puta, puta, puta máquina

Aí estão, imbecis
digo aos empregados do Kentucky Fried Chicken
E abraço meu filho e minha mulher
E vamos outra vez pro carro
Vamos nos perder POR AÍ
E pra finalizar a coisa toda
Essa jornada estúpida
Rodeada de estúpidos
Uma jornada trágica
Digo por último:
A pessoa que nunca se entrega ao outro, se super valoriza
A pessoa que se entrega ao primeiro que passa,
despreza a si mesma

EPÍLOGO

Esta manhã vi gotas de orvalho presas
em uma fina teia de aranha no campo
Como pérolas suspendidas no ar
Toquei com cuidado a teia de aranha e vi as gotas estremecerem e
brilharem

Como lágrimas que se recusam a saltar no vazio
Pensei em certos amigos e em certas
mulheres que amei e em gente que gosto
e em pessoas que me machucaram
enquanto olhava, extasiado, essas gotas de orvalho
estremecendo naquela teia que uma aranha havia tecido
entre ervas daninhas no campo

E logo pensei naqueles
que não tem sequer o mérito de se deixar cair
como uma gota de orvalho sobre uma fina teia de aranha
e desaparecem torpemente diante de nossos olhos
E são absorvidos pela terra

É gente que não trabalhou duro